



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia alusiva à visita às obras do projeto de urbanização da Vila São  
José**

**Belo Horizonte – MG, 17 de abril de 2008**

Companheiros e companheiras de Belo Horizonte,  
Companheiros e companheiras da Vila São José,  
Meu querido companheiro José Alencar,  
Companheiros ministros,  
Deputados,  
Meu querido companheiro Pimentel,

Eu não sei se vocês não deveriam ter sido acometidos do mesmo mal que eu fui. Eu não sei se nós ouvimos muitos discursos e me deu esse torcicolo aqui. Eu não sei se foi por causa do aumento dos juros ontem, não sei se foi por causa do massacre que o Corinthians recebeu do Goiás ontem. Eu sei que eu acordei com este pescoço... E o Cruzeiro também tomou uma lavada na Bolívia. Eu acho que tudo isso junto me deu esse torcicolo aqui. Eu já tomei quatro comprimidos hoje, e não parava a dor. Aí o médico me falou assim: “Presidente, essa dor que o senhor está sentindo é o peso da cabeça em cima do pescoço”. Eu falei: então tem duas soluções: ou me pendura em um cabide e eu fico de cabeça para baixo, falando com vocês, ou eu coloco esse negócio aqui, que está me importunando muito. Mas de qualquer forma, eu não posso ficar com o pescoço doendo muito tempo. Está certo que a minha cabeça é um pouco agigantada para o meu pescoço. Hoje de manhã, quando eu me levantei e falei que estava com dor no pescoço, Marisa falou assim para mim: “Como é que pode alguém que não tem pescoço, ter dor de pescoço?” Mas são coisas da natureza.

Companheiros e companheiras, eu prometo ser breve porque todo



mundo aqui já falou alguma coisa do PAC. Eu só quero dizer para vocês que certamente, quando os primeiros moradores chegaram a essa vila... não sei se tem alguém aqui que está desde o começo na Vila São José. Meu companheiro Pimentel, você ainda devia estar preso, nos anos 70, quando as pessoas vieram para cá, trazendo sonhos e trazendo madeirite para construir suas casas. Esse córrego, que hoje todo mundo xinga – um córrego que já foi responsável por derrubar casas, que já foi responsável por matar gente – quando as pessoas chegaram aqui, era um córrego de água limpa e tinha até peixe. Dava até para as pessoas lavarem roupa no córrego, de tão limpa que era a água. Hoje é um esgoto a céu aberto.

Eu quero começar dizendo isso, para dizer para vocês que esse é um exemplo do que é uma grande parte do Brasil. Quando as primeiras pessoas chegaram aqui, se os governantes da época tivessem cuidado com carinho, se tivessem tirado meia dúzia ou uma dúzia de pessoas que chegaram e tivessem feito casas adequadas em outro lugar, certamente, a gente teria o córrego com água limpa e não teria gente morando com o descaso em que está morando. Pelo descaso histórico que se teve com o pobre deste País... As pessoas só davam importância aos chamados formadores de opinião pública, não davam importância aos pobres. Os pobres que vão se apinhando por aí, os pobres que vão entrando nas páginas policiais. Então, deixe o pobre se amontoar, e de quando em quando eu vou lá fazer uma promessa para os pobres. É exatamente na época da eleição que um pobre da Vila São José vale mais do que o banqueiro mais rico deste País. É verdade. No dia da fila de votar, o pobre é mais importante. Quando as pessoas ganham, o pobre que o elegeu nunca consegue almoçar com ele, e os banqueiros almoçam sempre, jantam sempre, são convidados para festas e para casamento, e o pobre fica à espera da próxima eleição.

O que nós estamos fazendo aqui é uma reparação histórica. Tem muita gente que gostaria que o dinheiro do PAC fosse todo para outro lugar. Mas nós



destinamos grande parte do dinheiro do PAC para construir as casas que faltam, para melhorar a rua das pessoas, para tratar o esgoto, para levar água potável, para levar luz, para levar atendimento médico. Eu nunca vi nenhuma notícia, no jornal, que alguém rico tenha morrido na porta do hospital, à espera de um médico. Essas coisas só acontecem com a parte mais pobre da população. É a pessoa mais pobre que vê o seu filho brincando em uma rua, com o esgoto a céu aberto, são as crianças que pegam verminose. Então, é preciso que a gente faça um reparo histórico.

Certamente, companheiro Pimentel, nós não vamos conseguir fazer tudo, mas estamos dando um bom começo para fazer os pobres voltarem a ter esperança. Uma vila como esta é dividida, tem três bandidos que mandam em três áreas diferentes, e os pobres, a maioria, trabalhadores e honestos. Às vezes, os adultos não podem mais ficar em um forró, de madrugada, com medo de serem mortos, ou as crianças não podem brincar na rua, com medo de uma bala perdida. O que nós estamos fazendo é apenas dizer para vocês: não percam a esperança, porque este País voltou a olhar para vocês, porque a cidade voltou a olhar para vocês, porque o Estado voltou a olhar para vocês. Nós não queremos um País dividido entre ricos e miseráveis. Nós queremos um País onde todos possam viver com dignidade. Que tenha o rico, porque aprendeu a ganhar dinheiro, mas que o pobre tenha respeito por parte do Estado. Que o Estado leve para ele as coisas que ele precisa e que são obrigação do Estado. O que nós estamos fazendo aqui é uma reparação. É por isso que 40 bilhões do PAC são para cuidar de urbanização de favelas, são para fazer ruas, colocar luz.

A história comovente que me contaram aqui, naquela entrevista, é verdade, gente. Você não pode receber uma carta porque não tem uma rua e um número na sua casa. Você não pode receber uma pizza, não só porque o pizzaiolo não encontrou, mas porque ele tem medo de entregar, ele tem medo de ser assaltado. Então, companheiro Pimentel, eu quero primeiro dar os



parabéns ao trabalho que você tem feito aqui. Esta não é a primeira vila que eu visito e não será a última.

Quero agradecer ao meu companheiro José Alencar, este mineiro que tem uma história igual a de vocês. Este mineiro que dormiu em banco de praça na rua aos 14 anos de idade, este companheiro que saiu de casa para aprender na vida, e hoje é um dos maiores empresários deste País e, com muito orgulho meu, vice-presidente da República. Quisera Deus que o Brasil tivesse umas duas dúzias de homens da qualidade do José Alencar e com o caráter do José Alencar.

Quero aqui falar da companheira Dilma Rousseff. Quero falar da Dilma Rousseff porque outro dia, no Rio de Janeiro, eu disse que a Dilma era a mãe do PAC. E por que ela é a mãe do PAC? É porque o PAC só funciona porque esta mulher, certamente, toma mais conta do PAC do que tomou conta da filha dela. E por que eu digo isso? Porque todo mundo aqui, que é pai, sabe. Quando tem uma filha ou um filho que está com 14, 15 anos, eles não querem mais saber do pai. Nós somos coroas, nós estamos superados, as músicas não combinam, a roupa não combina, os amigos não combinam, eles querem liberdade. Então, a filha da Dilma certamente foi assim. Mas o PAC não quer liberdade, o PAC quer controle, fiscalização, acompanhamento. Porque, senão, ele não funciona. Se a gente não estiver tomando conta, ele não funciona. É aquele negócio do presidente vir aqui com o prefeito, anunciar uma obra e três anos depois naquela obra não aconteceu absolutamente nada.

Eu vou dizer uma coisa para vocês. No ano passado, Pimentel, nós fizemos uma lei transferindo para o município a arrecadação do Imposto Territorial Rural, para que os fazendeiros pagassem diretamente na prefeitura. Eu anunciei, fiz uma festa: maravilha, os prefeitos vão arrecadar mais. Este ano eu descobri que na lei que eu fiz nós colocamos lá um artigo: é preciso fazer convênio com a Receita Federal. Nenhum prefeito tinha feito, sabe por quê? Porque a Receita fez tanta exigência, que nenhum prefeito conseguiu cumprir.



E ainda mais, Pimentel, exigiram que tinha que ter um cara com diploma de doutor, para poder tocar o programa. Aí, eu fiquei pensando: que desgraça é essa? Se o presidente da República é presidente e não é doutor, por que para cobrar de fazendeiro tem que ser doutor? Então, por isso é que eu disse que a Dilma é a mãe do PAC. É porque depende dela cobrar dos prefeitos, depende dela cobrar dos outros ministros, depende dela cobrar dos governadores. E, depois, tem uma coisa legal: é que mulher, quando fica brava e briga com os prefeitos, eles não reclamam, como reclamam para o presidente. A mulher, a gente pensa que mulher é mais calma, não é isso? A gente tem o hábito de achar que mulher é sexo fraco. Deus me livre. Só fala isso quem não conhece a dona Marisa, porque se mulher fraca é aquela, Deus me livre, quem se casou com uma mulher forte aí.

Mas, então, companheiros, o PAC só dá certo porque nós temos um controle, como uma mãe tem de um filho. Se a gente descuida... Quantas vezes a mãe fala: "Meu filho, vai fazer a lição". Ele fala: "Está bem". Bate a porta e se tranca no quarto. Passa o dia sem pegar um caderno, um lápis ou um livro, e fala: "Mãe, estudei". Chega no dia da prova, toma uma lambança, e aí fala que o professor não presta, que a escola está perseguindo. O PAC tem que ser assim. A Dilma presta contas para mim todos os dias, toda semana, todo mês, e presta conta para a imprensa a cada quatro meses. Nós queremos mostrar cada coisa que está acontecendo. Se daqui a dois meses o trabalho nesta vila parar, Pimentel, pode ficar sabendo que eu vou ficar sabendo e vou pegar no seu pé, como companheiro seu.

O companheiro Anastasia sabe da boa relação que eu tenho com o governador Aécio. Mas, também, se as obras do PAC não funcionarem, nós vamos pegar no pé, porque tem dinheiro, tem a decisão de fazer e nós temos que ter a coragem e a moral de entregar as obras ao povo deste País, sobretudo.

Eu, José Alencar, estava vendo o orgulho dos trabalhadores de camisa



vermelha do PAC, que eu fui cumprimentar ali. Eu me lembrei da minha infância. Quando eu tinha 14 anos de idade, arrumei um emprego em uma fábrica chamada Fábrica de Parafusos Marte e minha mãe fez um macacão para mim. Eu não sabia o que era “mecânico”. Eu queria ser mecânico, mas não sabia o que era. Eu sempre achei que mecânico era encher a mão de graxa, porque todo mecânico anda sujo, com a mão cheia de graxa. Então, eu ia trabalhar. De onde eu morava até a fábrica eram dois quilômetros. Naquele tempo, eu usava alpargatas Roda, aquela filha da mãe ia molhando, Zé, ia crescendo, o pé não crescia junto, e eu ia pondo jornal dentro das alpargatas Roda. De repente, eu calçava 35 e as alpargatas Roda já estavam com nº 45, pareciam um esquí.

Bem, mas eu lembro do dia, em 1960, quando eu coloquei aquele macacão e saí para andar os dois quilômetros para ir trabalhar. Eu me achava o máximo, eu me achava... Tinha uma quitanda que tinha uma loura bonita, já uma moça. Eu era um moleque, e passava todo de pescoção duro, achando que aquela moça estava olhando para mim. Ela nem me enxergava. Mas eu achava que ela olhava para mim e essa esperança me fazia, todo dia, passar orgulhosamente na frente. Mas eu me lembro que no primeiro dia em que fui trabalhar, eu cheguei lá e não sabia o que fazer. Aí, fiquei lá. Me mandaram catar uns pedacinhos de ferro, eu catei uns pedacinhos de ferro. Mas chegou a hora do almoço, eu tinha que almoçar em casa, passar na frente da quitanda, ver a loura. E eu ia estar limpo, outra vez? Então, eu não tinha trabalhado! Aí eu peguei um tanque de óleo preto que tinha lá para (inaudível) peça, (inaudível) lá, esfreguei toda a lama, parecia... Cheguei em casa todo sujo de graxa, de óleo, pretinho, pretinho, com o maior orgulho. Minha mãe sorria para mim, vendo o filho dela mecânico, enquanto eu era um catador de ferro ali, achava que eu era mecânico.

Eu digo isso porque eu senti a emoção de um homem desses, Zé, durante 20 anos a economia não cresceu, e ele desempregado. Agora tem



uma obra na sua própria vila, e ele trabalha na sua própria vila. Ele está fazendo a rua em que o seu filho vai brincar, ele está fazendo a casa em que a sua mulher vai morar, em que a sua comadre vai morar, ele está melhorando a vida do povo que ele conhece há tantos e tantos anos. Não tem nada mais prazeroso do que isso: chegar no fim do mês, receber o salário e saber que está levando comida para casa às custas do seu suor e do seu sacrifício. Essa é uma coisa que o ser humano não esquece jamais. Por isso é que agora que o Brasil aprendeu, a gente não vai esquecer mais.

Fazia mais de 25 anos que este País não crescia, fazia mais de 30 anos que não eram feitas obras, de qualidade, de infra-estrutura neste País. Nós temos 504 bilhões de reais, é o maior investimento da história deste País em obras públicas. Não é apenas em favelas e em ruas, não. É em escolas técnicas, universidades, portos, aeroportos, ferrovias e rodovias. O governador sabe a quantidade de rodovias em que nós estamos trabalhando aqui. Eu tenho fé em Deus, gente, que a gente aprendeu, e tenho fé em Deus que quem vier depois de nós vai ser obrigado a continuar aquilo que a gente fez, porque o povo aprendeu a gostar do que é bom, o povo aprendeu a perceber que tem direito, o povo aprendeu a perceber que as coisas têm que ser feitas para eles e não apenas para meia dúzia de pessoas.

Por isso, Pimentel, companheira Marília, é com imenso orgulho que eu venho à cidade de Belo Horizonte, esta gloriosa Belo Horizonte. A gente pensa que está vivendo tão longe de Belo Horizonte, bem pertinho do centro da cidade, onde os pobres são conduzidos. Asfalta uma rua, fica caro o terreno, e o pobre vai para outro lugar. Asfalta outra rua, vai ficando caro e o povo vai sendo tocado para beira de córrego. No Nordeste, os pobres passam 30 anos aterrando um mangue. Quando eles conseguem aterrar o mangue, aparece uma imobiliária, vai na Justiça, tira a terra do pobre, constrói apartamento para rico e o pobre vai para outro mangue, aterrar outra vez as coisas neste País.

Então, é preciso dar um paradeiro nisso, é preciso que a gente tenha



consciência de que nós precisamos fazer uma reparação histórica neste País. O pobre tem que tomar café de manhã, almoçar, jantar, ir para a escola, ter médico, ter acesso à cultura, ao lazer. Que desgraça é essa, que está na Constituição e a gente não consegue cumprir a Constituição?

Por isso, companheiros da Vila São José, companheiro Anastasia, companheiro Pimentel e companheira Marília. É com muito orgulho e com muito prazer que eu vou continuar andando este País. A minha oposição não gosta que eu ande, fala que eu estou fazendo campanha. Eu não sou candidato, portanto, não tem campanha. O que eles querem é que eu fique dentro do meu gabinete, vendo eles fazerem discurso contra mim. Entre ouvi-los falar de mim e abraçar o povo deste País, eu vou para a rua para abraçar o povo deste País, para prestar contas do que eu faço, para prestar contas do nosso governo.

Por isso, companheiros, eu quero dizer a todos vocês: eu quero vir aqui, Pimentel, inaugurar esta obra. Não sei se vai terminar no seu mandato, mas quem quer que seja, eu quero vir aqui inaugurar esta obra e, prazerosamente, ver o sorriso de realização, o sorriso de sonho realizado do povo pobre da Vila São José.

Um abraço, que Deus abençoe todos vocês.

(\$211A)